



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

CRISTOLOGIA DO ESPÍRITO: DO TRIPLO MINISTÉRIO DE CRISTO À TRIPLA FEIÇÃO DO REINO DE DEUS¹

*Christology of the Spirit: from the triple ministry of Christ
to the triple aspect of the kingdom of God*

Michael Welker²

Resumo: O artigo analisa a relação entre o poder de Deus criador e recriador e o poder do Espírito Santo em Jesus Cristo e por meio dele. Para analisar o tema, propõe duas noções-chave propostas pelo reformador de Genebra, João Calvino. Segundo Calvino, o Espírito Santo precisa ser compreendido em estreita relação com a cristologia: Jesus Cristo é o Espírito Santo. Dessa centralidade de Cristo segue a pergunta: Para que Cristo foi enviado ao mundo? A resposta a isso é dada por Calvino através da doutrina do triplo ministério de Cristo (*munus triplex Christi*), que possibilita a compreensão da atuação pública e escatológica de Cristo, aflorando conexões com a tradição veterotestamentária, evidenciando linhas de continuidade entre as atuações pré-pascal e pós-pascal de Jesus Cristo, mas também a atuação de reis, sacerdotes e profetas, evocados no Novo Testamento.
Palavras-chave: Cristologia. Pneumatologia. Calvino. Ministério.

Abstract: The article analyzes the relation between the power of the creator and re-creator God and the power of the Holy Spirit in Jesus Christ and through him. To analyze the theme, it proposes two key concepts proposed by the Geneva reformer, John Calvin. According to Calvin, the Holy Spirit needs to be understood within a strict relationship with Christology: Jesus Christ is the Holy Spirit. From this centrality of Christ comes forth the question: For what reason was Christ sent to the world? The answer to this is given by Calvin through the doctrine of the triple ministry of Christ (*munus triplex Christi*), which makes it possible to understand the public and eschatological work of Christ, bringing up connections with the Old Testament tradition, demonstrating lines

¹ O artigo foi recebido em 13 de agosto de 2012 e aprovado em 26 de março de 2013 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. O artigo foi traduzido do original em alemão “Geist-Christologie: Vom dreifachen Amt Christi zur dreifachen Gestalt des Reiches Gottes”, por Nélio Schneider.

² É doutor em Teologia pela Universidade de Tübingen e doutor em Filosofia pela Universidade de Heidelberg, Alemanha. É professor na Universidade de Heidelberg, Alemanha, desde 1991. Foi professor visitante em diversas universidades, dentre elas, em Princeton e Harvard, nos Estados Unidos, e em Cambridge, no Reino Unido. Autor de diversas publicações, dentre as quais se destaca “O Espírito de Deus: a teologia do Espírito Santo”, pela Editora Sinodal. Contato: mw@uni-hd.de

of continuity between the pre-paschal and post-paschal actions of Jesus Christ, but also the work of kings, priest and prophets, evoked in the New Testament.

Keywords: Christology. Pneumatology. Calvin. Ministry.

Como compreender o poder do Deus criador e recriador e o poder do Espírito Santo em Jesus Cristo e por meio dele? Duas noções-chave de Calvino apontam o caminho. A primeira noção-chave tem o seguinte teor: o Cristo ressuscitado e exaltado *não está presente sem o Espírito Santo. Por intermédio do Espírito divino, o Cristo ressuscitado e exaltado inclui suas testemunhas em sua vida pós-pascal.* Por intermédio de suas testemunhas, na qualidade de “membros” que constituem o corpo pós-pascal e pós-pentecostal de Cristo, o ressuscitado realiza sua existência pós-pascal neste mundo.

Em sua grande gramática reformadora, João Calvino ressaltou expressamente essa noção: Jesus Cristo é o Espírito Santo “que não foi dado em função de si mesmo (*privatim*), mas para que fizesse transbordar sua plenitude, compartilhando-a com os famintos e sedentos!”³ O Cristo ressuscitado e exaltado não existe sem o Espírito Santo nem sem as testemunhas dotadas desse Espírito!

Além disso, Calvino oferece uma segunda noção-chave que nos dá a possibilidade de compreender a atuação do Cristo ressuscitado em sua diferenciação e concreção. Essa segunda noção-chave nos capacita a ver essa atuação, o poder do Espírito de Jesus Cristo e a vinda do seu Reino *em conexão com sua vida pré-pascal.*

Nesse caso, ficam evidentes a continuidade e a descontinuidade entre a vida pré-pascal e a vida pós-pascal de Jesus. No entanto, torna-se possível não só identificar os pontos de referência na vida pré-pascal de Jesus, na crucificação e ademais na ressurreição. Essa orientação no ressuscitado e exaltado permite registrar também a reconexão com os amplos espaços de memória e horizontes de expectativa da tradição veterotestamentária. Por fim, nessa noção-chave deparamo-nos com um amplo consenso ecumênico bem recente no campo da cristologia.

A segunda noção-chave cristológica de Calvino tem o seguinte teor: “Se quisermos saber *para que* Cristo foi enviado pelo Pai e *o que* ele nos trouxe, devemos examinar em primeira linha seu *triplo ministério*, ou seja, o *profético*, o *régio* e o *sacerdotal*”.⁴ A doutrina do triplo ministério de Cristo (*munus triplex Christi*) permite compreender a atuação pública e a atuação escatológica de Jesus Cristo em sua riqueza diferenciada. Ela faz aflorar pontos de contato com a tradição veterotestamentária e mostra linhas de continuidade entre as atuações pré-pascal e pós-pascal de Jesus Cristo, de um lado, e a atuação de reis unguídos, sacerdotes e profetas, aos quais os testemunhos do Novo Testamento seguidamente fazem alusão, de outro. Schleiermacher⁵,

³ CALVINO. *Institutio*. 310 (II, 15,5, cf. II, 15,2). Ver também STANILOAE, Dumitru. *Ökumenische Theologie*. Zürich: Benziger; Gütersloh: Gütersloher, 1990. (Orthodoxe Dogmatik II). p. 174ss.

⁴ CALVINO. *Institutio*. 307 (II, 15,1).

⁵ SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Der christliche Glaube nach den Grundsätzen der evangelischen Kirche im Zusammenhange dargestellt*. Ed. Martin Redeker. 7. ed. Berlin: de Gruyter, 1960. v. 2, §§ 102-105.

Barth⁶, Wainwright⁷ e outros teólogos de renome das tradições reformada e metodista acolheram e explicitaram essa doutrina. Por intermédio de Johann Gerhard⁸, ela ingressou na teologia luterana. Ela foi acolhida tanto pela dogmática católico-romana⁹, como pelas igrejas ortodoxas¹⁰.

Edmund Schlink faz o seguinte comentário em sua *Dogmática ecumênica*:

No caso da disseminação da doutrina do *munus triplex Christi*, trata-se de um fenômeno singular na ecumene. Com efeito, esse dogma adquiriu sua forma dogmática depois e não antes da separação das igrejas, e seus enunciados sobre a obra salvífica de Jesus Cristo se impuseram como ensinamento comum, que transcende todas as cisões eclesiais¹¹.

A sequência, a ênfase e a configuração do triplo ministério adquirem contornos muito diferenciados em cada um dos clássicos teológicos.

Calvino fala primeiramente de um *ministério profético*, pelo qual Deus “já-mais deixou” seu povo “sem o ensino salutar” e o direcionou para a expectativa da “vinda do mediador”¹². Ora, Jesus Cristo não nos oferece só o ensino, no qual “está encerrada toda a plenitude da sabedoria”, mas, mediante o derramamento do Espírito, também permite que os filhos e as filhas (Joel 3.1) participem como membros do corpo de Cristo.¹³ Por meio do *ministério régio* Deus quer “dar proteção e apoio à sua igreja o tempo todo pela mão do seu Filho”. Ao mesmo tempo, ele enfatiza que Cristo é o “rei eterno” de um reino espiritual e eterno, e ressalta acima de tudo a preservação dos crentes para a vida eterna. Porém, também nesse aspecto os crentes ganham participação no domínio por intermédio do batismo e do derramamento do Espírito.¹⁴ O *ministério sacerdotal* é explicado por Calvino em conexão com a *Carta aos Hebreus*, cap. 7-10: Jesus Cristo intercede por nós diante de Deus na qualidade de sumo sacerdote e oferece a si próprio como sacrifício. Simultaneamente nós somos, no poder do Espírito, “sacerdotes [...] *nele*”, apresentamos nossas ofertas em oração e louvor e “temos [...] livre acesso ao Santo dos Santos no céu”¹⁵.

⁶ BARTH, Karl. *Die Kirchliche Dogmatik* [=KD]. Zürich: EVZ-Verlag, 1932-1967. v. IV/1, 231ss; v. IV/2, p. 173ss; v. IV/3, p. 12ss, 52ss, 206ss.

⁷ WAINWRIGHT, Geoffrey. *For Our Salvation: Two Approaches to the Work of Christ*. Grand Rapids: Eerdmans, 1997. p. 109ss, diferencia em todos os três ministérios um “christological, baptismal, soteriological, ministerial” e “ecclesiological use [uso cristológico, batismal, soteriológico, ministerial e eclesiológico]”.

⁸ GERHARD, Johann. *Loci theologici*. 1610-1622. Loc. IV, cap. 15.

⁹ SCHEEBEN, Matthias Joseph. *Handbuch der katholischen Dogmatik*. Freiburg, 1954. v. 5, 2, p. 226-305; ver também a observação feita por AQUINO, Tomás de. *Summa theologiae*. III, 22 art. 1 ad 3.

¹⁰ STANILOAE, 1990, v. II, p. 89ss e 178ss; TREMPALA, P. *Dogmatik der orthodoxen katholischen Kirche*. 1959. v. II: Atenas: Adelphotes Theologon “Zoe”, p. 143-203 (em grego); ver também já CESAREIA, Eusébio de. *Historia Ecclesiastica*. I, 3.

¹¹ SCHLINK, Edmund. *Ökumenische Dogmatik. Grundzüge*. Göttingen: Vandenhoeck, 1983. p. 414.

¹² CALVINO. *Institutio*. 307 (II, 15,1).

¹³ CALVINO. *Institutio*. 308 (II, 15,2).

¹⁴ CALVINO. *Institutio*. 309 (II, 15,3), cf. 308-311 (II, 15,3-5).

¹⁵ CALVINO. *Institutio*. 312 (II, 15,6).

Schleiermacher fala, em primeiro lugar, do ministério profético de Cristo que consiste em “ensinar, predizer e fazer milagres”. Ele se orienta sobretudo no Jesus pré-pascal e enfatiza que esse seria “ápice e [...] fim de toda profecia”, assim como representaria também o ponto culminante e o fim do ministério sacerdotal.¹⁶ No ministério sacerdotal de Jesus Cristo, ele distingue “o cumprimento pleno da lei ou sua obediência ativa”, “sua morte reconciliadora ou sua obediência passiva” e, por fim, “a representação dos crentes junto ao Pai”¹⁷. O ministério régio de Cristo acaba tanto com “religiões políticas como com teocracias” por meio do seu “domínio puramente espiritual da consciência de Deus”. Ele consiste em “que provém dele permanentemente tudo o que a comunhão dos crentes requer para o seu bem-estar”¹⁸.

Karl Barth pretende falar primeiro do ministério sacerdotal, depois do régio e por último do profético, mas substitui as figuras de pensamento cultuais por figuras de pensamento jurídicas, ao reduzir a descrição do ministério sumo sacerdotal à seguinte fórmula: “O juiz que foi julgado em nosso lugar”¹⁹. Além disso, ele observa que, ao lado das imagens jurídicas e cultuais, poderia ter sido usada, em conexão com o Novo Testamento, também uma imagem financeira ou militar.²⁰

As diferentes disposições, as diferentes ênfases e os diferentes preenchimentos da doutrina do triplo ministério dependem de sua orientação ora precipuamente na vida *pré-pascal de Jesus* ora precipuamente no *Cristo exaltado*:

Assim, o Jesus terreno exerceu o ministério profético por meio de sua proclamação e o Jesus exaltado o exerceu por meio do envio apostólico e continua a exercê-lo por meio do Evangelho. O Jesus terreno exerceu seu ministério sacerdotal por sua autoentrega à morte e o exerce como o exaltado intercedendo pelos seus diante de Deus. Seu ministério régio não começou só no momento de sua instalação no domínio como exaltado, mas consistiu já no domínio que o Jesus terreno tinha sobre as forças da natureza e sobre os poderes da destruição²¹.

As ênfases diferenciadas presentes até mesmo nos clássicos teológicos parecem constituir, num primeiro momento, um problema para a validade desse dogma.²² De fato, essa doutrina oferece espaço para múltiplos interesses em termos de sistematização dogmática. Ela teria algo a contrapor às objeções de que pode ser formulada a bel-prazer e, desse modo, ser manipulada em favor de todos os possíveis interesses?

¹⁶ SCHLEIERMACHER, 1960, v. 2, p. 108, 112, 135.

¹⁷ SCHLEIERMACHER, 1960, v. 2, p. 118

¹⁸ SCHLEIERMACHER, 1960, v. 2, p. 144, 136.

¹⁹ BARTH. *KD*. v. IV/1, p. 231; cf. p. 231ss; 302ss.

²⁰ BARTH. *KD*. v. IV/1, p. 301s; cf. sobre isso a crítica de BRANDT, Sigrid. *Opfer als Gedächtnis: auf dem Weg zu einer befreienden theologischen Rede von Opfer*. Münster et al.: Lit, 2001. p. 294ss. (*Altes Testament und Moderne*, v. 2).

²¹ SCHLINK, Wilhelm. *Ökumenische Dogmatik*. Grundzüge. 2. Auflage. 1985. p. 414.

²² Cf. KÄHLER, Martin. *Die Wissenschaft der christlichen Lehre von dem evangelischen Grundartikel aus im Abrisse dargestellt*. 2. ed. Leipzig: A. Deichert'sche Verlagsbuchhandlung, 1893. p. 332s.

Daniel Migliore, teólogo sistemático de Princeton, propôs orientar a doutrina do triplo ministério de Cristo na sua vida pré-pascal e em sua proclamação, em sua cruz e em sua ressurreição.²³ Retomaremos aqui esse impulso, mas, acompanhando Calvino, sempre teremos em conta também a ressonância e a irradiação pneumáticas de cada ministério individual!

– A orientação na vida pré-pascal e na atuação de Jesus confere ao ministério régio um perfil nítido.

– A orientação na cruz de Cristo lança luz sobre o espectro de encargos do ministério profético.

– Os testemunhos da ressurreição e das aparições do ressurreto permitem identificar a riqueza do ministério sumo sacerdotal.

O ministério régio e o reinado de Cristo e dos seus

À luz da vida pré-pascal de Jesus, o *reinado de Cristo* e dos seus adquire contornos claros e explicita *uma mensagem clara de liberdade e de vida diacônica*. À luz do derramamento do Espírito, esse reinado revoluciona formas de domínio e de organização eclesiais e indiretamente também políticas de cunho hierárquico e monárquico. Porque esse rei é simultaneamente também irmão e amigo, e até um pobre e excluído. Com seu pensamento radicalmente democrático, esse reinado de fato parecerá a uns incômodo e incontrolável, a outros, porém, exemplo de busca afirmativa por orientação em comunidades e sociedades civis.

A feição régia do reino de Deus é moldada sobretudo pela práxis do amor e da liberdade comunicada pelo amor. O que determina essa práxis é o acolhimento amoroso, a cura, a doutrina e formação libertadoras e o empenho por fazer com que, na medida do possível, todos participem dela.

Em continuidade e descontinuidade com as tradições da Torá, amor e perdão são determinados pelo *desprendimento livre e criativo*²⁴ em favor de outros.²⁵ O desprendimento livre, criativo e alegremente amoroso em favor do próximo é grande fomentador da liberdade. O amor, que é insatisfatoriamente definido por *éros, agápe*

²³ Ver MIGLIORE, Daniel. *Faith seeking understanding: an introduction to Christian theology*. Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 1991. p. 155.

²⁴ Cf. HUBER, Wolfgang. *Gerechtigkeit und Recht*. Grundlinien christlicher Rechtsethik. Gütersloh: Christian Kaiser; Gütersloher, 1996. p. 316s *passim*; BEDFORD-STROHM, Heinrich. *Vorrang für die Armen: auf dem Weg zu einer theologischen Theorie der Gerechtigkeit*. Gütersloh: Chr. Kaiser; Gütersloher, 1993. (Öffentliche Theologie, v. 4); WELKER, Michael. Routinisiertes Erbarmen und paradigmatische Öffentlichkeit. “Generalisierung von Altruismus” in alttestamentlichen Gesetzesüberlieferungen. In: MAY, Hans (Ed.). *Altruismus*. Aus der Sicht von Evolutionsbiologie, Philosophie und Theologie. Loccum Protokolle 30/92. Loccum, 1996. p. 143-160.

²⁵ Os nexos entre as concepções veterotestamentárias do reino de Deus, a proclamação e atuação de Jesus e práxis de vida do cristianismo primitivo são primorosamente aclarados por GRAPPE, Christian. *Le Royaume de Dieu*. Avant, avec et après Jésus. Genève: Labor et Fides, 2001. Cf. também sobre o tema “reino de Deus e Torá: o posicionamento de Jesus em relação à lei judaica”: WENZ, Gunther. *Christus*. Göttingen: Vandenhoeck, 2011. p. 239ss. (Studium Systematische Theologie 5); ademais BIERITZ, Karl-Heinrich. *Grundwissen Theologie: Jesus Christus*. Gütersloh: Kaiser, 1997. p. 47ss. (KT 148).

*e filia*²⁶, pretende que “todas as coisas concorram para o bem” da pessoa amada. Sua intenção é fazer com que os pés da pessoa amada pisem “um lugar espaçoso”. Além disso, é central para o conhecimento do reino de Deus que o nosso coração seja conquistado e nossa atenção despertada *não primeiramente pela obrigação* do comportamento e da ação que promovem a liberdade, mas pela alegre e grata *experiência do desprendimento livre de outros em nosso próprio favor*.²⁷ É por isso que às crianças é prometida uma proximidade especial do reino de Deus.²⁸ Porém um *éthos* da alegria e gratidão libertadoras também é fundamental para o *éthos* da diaconia filantrópica.²⁹ A grata sensibilidade para os enormes potenciais de desprendimento livre e criativo em muitas das nossas circunvizinhanças com frequência é reprimida por rotinas sociais.

Uma atenção grata aos grandes potenciais do desprendimento livre e criativo na família, no círculo de amigos, na formação, no provimento médico, na organização da sociedade civil e da sociedade em geral deveria sensibilizar para a grande capacidade de moldagem direta e indireta do *munus regium Christi*. Não é só à sombra da necessidade, mas também à luz da gratidão que deveríamos encarar os enormes desafios globais de ordem diaconal, pedagógica, terapêutica, estatal, eclesial e intercultural que nos incentivam a rogar pelo “advento” continuado do reino de Cristo e a empenhar-nos por ele. O reino de Deus e o reino de Cristo ganham forma por meio da grande quantidade de atos muitas vezes inaparentes de amor e perdão.

Não são só as testemunhas diretas que têm parte nesse reinado inaparente, mas tremendamente poderoso. William Schweiker acolheu e incrementou impulsos dos irmãos Niebuhr³⁰ e de James Gustafson³¹. Ele esclareceu que o “humanismo cristão”³² irradia também para outras formas religiosas e seculares da prática do amor e da so-

²⁶ WELKER, Michael. Romantic Love, Covenantal Love, Kenotic Love. In: POLKINGHORNE, John (Ed.). *The Work of Love: Creation as Kenosis*. Grand Rapids; London: Eerdmans, 2001. p. 127-136.

²⁷ Cf. HÄRLE, Wilfried. *Dogmatik*. 3. ed. rev. Berlin; New York: de Gruyter, 2007. p. 237ss; HÄRLE, Wilfried. *Ethik*. Berlin; New York: de Gruyter, 2011. p. 328ss, 388ss.

²⁸ Cf. Mt 10.14; BUNGE, Marcia J. Children, the Image of God, and Christology: Theological Anthropology in Solidarity with Children. In: SCHUELE, Andreas; THOMAS, Günter. *Who is Jesus Christ for Us Today? Pathways to Contemporary Christology*. Westminster John Knox Press, 2009. p. 167-181; SCHUELE, Andreas; THOMAS, Günter (Ed.). *The Child in the Christian Thought*. Grand Rapids: Cambridge/U.K.: Eerdmans, 2001; SCHUELE, Andreas; THOMAS, Günter (Ed.). *The Child in the Bible*. Grand Rapids; Cambridge/U.K.: Eerdmans, 2008.

²⁹ Cf. a ênfase dada por J. H. Wichern ao “amor grato” como forma básica da vida comum de cunho diaconal (WICHERN, Johann Hinrich. *Schriften zur Sozialpädagogik*. Sämtliche Werke. Ed. Peter Meinhold. Berlin: Rauhes Haus und Johannesstift, 1958. v. IV, p. 119 *passim*); STROHM, Theodor. *Diakonie und Sozialethik*. Beiträge zur sozialen Verantwortung der Kirche. Ed. por Gerhard K. Schäfer e Klaus Müller. Veröffentlichungen des Diakoniewissenschaftlichen Instituts 6. Heidelberg: Heidelbergerverlagsanstalt, 1993. p. 138ss.

³⁰ Ver, por exemplo, NIEBUHR, H. Richard. *Christ and Culture*. New York: Harper & Row, 1951; NIEBUHR, Reinhold. *The Self and the Dramas of History*. New York: Scribner's, 1955. especialmente o cap. 19.

³¹ GUSTAFSON, James M. *Christ and the Moral Life*. New York: Harper & Row, 1968.

³² Cf. SCHWEIKER, William; KLEMM, David E. *Religion and the Human Future: An Essay on Theological Humanism*. Oxford: Blackwell, 2008; SCHWEIKER, William. *Flesh and Folly: The Christ of Christian Humanism*. In: SCHUELE; THOMAS, 2009, p. 85-102; XIAOFENG, Liu. *Sino-Christian Theology in the Modern Context*. In: YANG, Huilin; YEUNG, Daniel H. N. (Ed.). *Sino-Christian Studies in China*. Newcastle: Cambridge Scholars Press, 2006. p. 70ss.

lidariedade humana e recebe fortes impulsos delas. O reino de Cristo que promove a liberdade é mais amplo que todas as igrejas de todas as épocas e regiões do mundo. “O que fizestes aos meus pequeninos irmãos a mim o fizestes” – não importa se vocês reconheceram a minha presença neles ou não.³³ Quem, em contrapartida, restringe o domínio de Cristo a “palavra e sacramento” desconhece essa amplitude de sua presença libertadora na força do Espírito. Porém seria igualmente falso propor um contínuo universal abstrato como reino superior ao “*éthos* meramente cristão”. Porque um reino moral neutro desse tipo não passa de um construto.³⁴

O ministério sacerdotal e o reino de Cristo e dos seus

Graças à voz potente da Carta aos Hebreus, a *dimensão sacerdotal* do domínio de Jesus Cristo e do seu reino com frequência se concentrou totalmente no difícil tema “sumo sacerdote e culto sacrificial”.³⁵ Jesus Cristo é o sumo sacerdote eterno³⁶ escolhido pelo próprio Deus e não oferece o sacrifício no templo terreno, mas no céu, “para ser um sumo sacerdote misericordioso e fiel diante de Deus e para expiar os pecados do povo” (Hb 2.17).³⁷ Desse modo, a Carta aos Hebreus, por um lado, estende um grande arco que vai do sumo sacerdote celestial escolhido por Deus, entronizado à direita de Deus (Hb 1.3; 8.1), até a miséria do “pastor de suas ovelhas” que vai ao encontro da morte (Hb 2.5-18; 13.20).³⁸ Assim, ele de fato aborda um âmbito central da atuação do Cristo exaltado. Porém ele não abrange toda a amplitude da participação em sua vida, proporcionada pelo poder do seu Espírito, e inclusive só compreende um âmbito parcial de sua atuação sacerdotal.

Frente a esse estreitamento do *munus sacerdotale*³⁹, a ação sacerdotal de Jesus Cristo precisa ser percebida na amplitude e multidimensionalidade do evento cultural

³³ Cf. Mt 25.40 e 25.34ss; HOFFMEYER, John F. *Christology and Diakonia*. In: SCHUELE; THOMAS, 2009, p. 150-166. Ver também ALFEYEV, Hilarion. *Christ the Conqueror of Hell*. The Descent into Hades from an Orthodox Perspective. St Vladimirs Seminary Pr, 2009. p. 214.

³⁴ Ver sobre isso a discussão instrutiva entre Judith Butler, Jürgen Habermas, Charles Taylor e Cornel West. In: MENDIETA, Eduardo; ANTWERPEN, Jonathan van (Eds.). *The Power of Religion in the Public Sphere*. New York: Columbia Univ. Press, 2011.

³⁵ Hb 2.17; 3.1; 4.14s; 5.1ss; 6.20; 7.26ss; 8.1ss; 9.7ss, 24ss; 10.1ss, 10ss; 13.11ss.

³⁶ “[...] segundo a ordem de Melquisedeque”, assim Hb 5.6,10; 6.20; 7.1,10,11,15,17, em conexão com uma figura obscura que acumulou o cargo de rei e de sacerdote segundo o Salmo 110.4 e Gênesis 14.1-24. Cf. GRÄSSER, Erich. *An die Hebräer* (Hebr 1-6). EKK XVII/1 e (Hebr 7,1-10,18), EKK XVII/2. Zürich; Braunschweig: Benziger; Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1990 e 1993. v. 1: p. 288ss; v. 2: p. 9s. Grässer descreve Melquisedeque historicamente, acompanhando Gunkel, como um “rei de uma cidade cananeia com função sacral, como protótipo do rei-sacerdote jebusita” (v. 2, p. 13).

³⁷ Sobre a teologia do sacrifício na Carta aos Hebreus, ver BRANDT, 2001, p. 174-204.

³⁸ Cf. MACQUARRIE, John. *Jesus Christ in Modern Thought*. London: SCM Press, 1990. p. 128ss; VOLLENWEIDER, Samuel. *Christozentrisch oder theozentrisch? Christologie im Neuen Testament*. In: GRÄB-SCHMIDT, Elisabeth. *Marburger Jahrbuch Theologie XXIII: Christologie*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2011. (Marburger Theologische Studien). p. 28s.

³⁹ As dificuldades ligadas a esse tema, pelo visto, levaram Karl Barth, ao tratar da doutrina do triplo ministério de Cristo, a substituir as explanações sobre Cristo, o sumo sacerdote, por Cristo, o “juiz que foi julgado em nosso lugar” (KD, v. IV/2, p. 231ss).

em seu conjunto. Francis Fiorenza apurou o olhar para o fato de que as aparições do Cristo ressuscitado acompanhadas da saudação da paz, do gesto de partir o pão, da revelação do sentido da Escritura, da ordem de batizar e do envio missionário dos discípulos delineiam figuras fundamentais da vida cultural da (primeira) igreja e de suas forças de irradiação.⁴⁰

Saudação da paz, santa ceia, batismo, interpretação da Escritura, envio – uma polifonia da existência cultural está associada ao ministério sacerdotal, no qual ganha participação, por sua vez, o “sacerdócio geral de todos os crentes” e o qual se concretiza na feição sacerdotal do reino de Deus.

“De acordo com a famosa fórmula de Torgau, de Lutero, um culto divino nada mais é ‘que o nosso querido Senhor em pessoa fala conosco por meio de sua santa palavra e nós, de nossa parte, falamos com ele por meio de oração e cantos de louvor’.”⁴¹ Christoph Schwöbel caracteriza esse diálogo cultural entre Cristo e a comunidade de maneira exemplar em toda a sua amplitude:

Nos diferentes modos em que se fala de Cristo no culto divino, nas narrativas dos evangelhos, nas promessas querigmáticas, nos enunciados doutrinários, nas fórmulas litúrgicas e nas abordagens discursivas da literatura epistolar, o que está em jogo é o Evangelho, o falar de Deus dirigido a nós em sua palavra, que – também enquanto lei – tem seu ponto alto no Evangelho, na promessa do amor misericordioso de Deus, que transmite a nós, criaturas que se tornaram estranhas a Deus, comunhão com ele. Inversamente, em nosso falar dirigido a Cristo ou, por intermédio de Cristo, a Deus Pai nas orações em forma de ação de graças, de pedido, de lamento e de louvor, trata-se da nossa carência de comunhão assegurada com Deus e, no falar doxológico, trata-se da participação na glória de Deus em Cristo por meio do Espírito⁴².

Schwöbel ressalta que nesse rico evento comunicativo acontece a “presença pessoal” de Cristo, por meio da qual não só o Cristo exaltado se dirige a nós e se dá a conhecer, mas também é franqueado o acesso adequado ao Deus Criador e ao Espírito Santo.⁴³

O culto divino corretamente entendido e corretamente celebrado serve à revelação, à consolidação e ao aprofundamento do conhecimento de Deus. E esse conhecimento de Deus é sempre também conhecimento da salvação. Desse modo, o culto divino corretamente celebrado não só dá a conhecer uma ideia otimizada de Deus ou um sentimento religioso otimizado. Ele também transporta para dentro de um evento

⁴⁰ Cf. FIORENZA, Francis. *The Resurrection of Jesus and Roman Catholic Fundamental Theology*. Oxford University Press, 1998. p. 213-248, 238ss; cf. ECKSTEIN, Hans-Joachim; WELKER, Michael (Hgs.). *Die Wirklichkeit der Auferstehung*. 4. ed. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 2010. especialmente p. 318ss.

⁴¹ SCHWÖBEL, Christoph. “Wer sagt denn ihr, dass ich sei?” (Mt 16,15). Eine systematisch-theologische Skizze zur Lehre von der Person Christi. In: GRÄB-SCHMIDT, 2011, p. 47; a respeito da citação de Lutero ver WA 49, p. 588, l. 16-18.

⁴² SCHWÖBEL, 2011, p. 47.

⁴³ Cf. SCHWÖBEL, 2011, p. 50ss.

relacional, na medida em que o Cristo exaltado enquanto Filho de Deus revela a glória do Deus triúno e a amplitude da ação criadora de Deus.

Pela unidade com Jesus Cristo, o Criador torna-se reconhecível como Deus benigno e como Pai. Pela unidade com Jesus Cristo, o Espírito Santo torna-se experimentável como o Espírito que amorosamente redime e exalta os seres humanos, dando-lhes participação na vida do ressurreto e exaltado. Lutero confere a isso uma formulação clássica na explicação do terceiro artigo do credo: “Pois, [...] jamais poderíamos chegar a conhecer o favor e a graça do Pai a não ser por intermédio de Cristo SENHOR, que é espelho do coração paterno, sem o qual nada vemos senão um juiz encolerizado e terrível. Mas também de Cristo nada poderíamos saber, se não tivesse sido revelado pelo Espírito Santo”⁴⁴.

O ministério profético e o reino de Cristo e dos seus

Para muitas pessoas, o ministério profético de Jesus Cristo é o mais chocante dos seus ministérios.⁴⁵ Em sua proclamação profética, Jesus Cristo une anúncio da salvação e pregação do juízo, escatologia futura, presente e referente à eternidade.⁴⁶ Reiteradamente ele anuncia seu sofrimento⁴⁷ e antevê sua ressurreição – algo que não é entendido pelos seus discípulos nem pelas pessoas à sua volta. Ele também antevê que Pedro o negaria.⁴⁸ Ele anuncia que prevalecerá a vontade divina. Nesse tocante, a antevisão pode infundir angústia e tristeza à sua existência humana – como evidencia a oração no Getsêmani⁴⁹: “[...] se quiseres, afasta esse cálice de mim – mas seja feita a tua vontade!”.

Em que conflitos incorrem aqueles que querem participar ativamente da presença profética de Jesus Cristo? Naturalmente sempre se tornam prementes para eles também as crises e os conflitos morais, sociais, culturais e políticos que surgem em seus entornos concretos. Somam-se a esses os conflitos em que as pessoas tomam

⁴⁴ LUTERO, Martinho. Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. v. 7, p. 400.

⁴⁵ Mas isso ainda não fica claro nos textos neotestamentários que o associam expressamente com o título de profeta (p. ex., Mc 6.4,15; 8.28; Lc 7.16; 13.31ss; Jo 6.14; At 3.22; 7.37); a repercussão do título de rei no contexto da crucificação e do título de sacerdote na Carta aos Hebreus é mais forte.

⁴⁶ Ver THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette B. *Der historische Jesus: Ein Lehrbuch*. 3. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2001. p. 248, 221ss.

⁴⁷ Mt 16.21-23; 17.22s; 20.17-19; Mc 8.31-33; 9.30-32; 10.32-34; Lc 9.22,43b-45; 18.31-34 – com intensidade crescente e com clareza cada vez maior sobre os detalhes da sua sorte: o Filho do Homem será entregue nas mãos das elites religiosas em Jerusalém – ele será entregue “aos homens” – ele também será entregue “aos pagãos para ser escarneado”. Sobre a “sorte violenta” e o sofrimento dos profetas bíblicos em geral ver STECK, Odil Hannes. *Israel und das gewaltsame Geschick der Propheten*. Untersuchungen zur Überlieferung des deuteronomistischen Geschichtsbildes im Alten Testament, Spätjudentum und Urchristentum. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1967. (WMANT 23), especialmente p. 317ss. LOHFINK, Norbert. Charisma. Von der Last der Propheten. In: LOHFINK, Norbert. *Unsere großen Wörter*. Das Alte Testament zu Themen dieser Jahre. 2. ed. Freiburg; Basel; Wien: Herder, 1979. p. 241ss.

⁴⁸ Mt 26.57s,69-75; Mc 14.53s,66-72; Lc 22.31-34,54-62; Jo 18.12-18,25-27.

⁴⁹ Mt 26.36-46; Mc 14.32-42; Lc 22.39-46.

parte, geralmente de forma passiva, em contextos globais pela via da economia, dos meios de comunicação, da ciência e da política. Apresentam-se numerosos contextos que precisam desesperadamente do conhecimento profético e de vozes proféticas, contextos em que nós também queremos fazer valer nossas advertências e admoestações, nosso protesto e nosso encorajamento, nosso sim e nosso não. Porém, se tivermos diante dos olhos apenas esse oceano de problemas, corremos o risco de sucumbir à resignação e ao cinismo frente à sua supremacia. Há necessidade de um novo deramamento do Espírito Santo e multidões de profetisas e profetas para processar essa profusão de problemas. No entanto, essa visão não é capaz de apreender nem mesmo aproximadamente o encargo profético no seguimento de Jesus Cristo. A fala profética no seguimento de Jesus Cristo é, em primeira linha, fala a serviço de Deus, uma fala que o próprio Deus quer promover e tornar efetiva. “Nos tempos antigos, Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras aos pais pelos profetas. Nos últimos tempos, ele nos falou pelo Filho, [...] que é o resplendor da glória e o retrato da sua realidade [...]” (Hb 1.1-3). A fala profética na presença de Cristo pergunta *por sua orientação e pela vontade de Deus nos conflitos do tempo presente*. Por isso ela depende do exame autocrítico.⁵⁰ De acordo com a tradição bíblica, só os falsos profetas, os “profetas da mentira”, gostam de falar e são ligeiros nisso, de preferência fazendo coro com as majorias morais que dispõem de apoio político.⁵¹ A verdadeira profecia pergunta pelo conhecimento da verdade e pela realização da justiça em situações concretas – à luz da palavra de Deus. A verdadeira profecia verifica cuidadosamente se está enunciando só sua própria opinião e talvez uma opinião pública atual naquele momento ou se está transmitindo uma mensagem orientada na palavra de Deus. No seguimento de Cristo, o ministério profético e o ministério sacerdotal que proclama a palavra de Deus estão, portanto, estreitamente ligados e com frequência associados a um rigoroso autoexame e à incerteza.⁵²

⁵⁰ Cf. BARTH, Karl. Das Wort Gottes als Aufgabe der Theologie. In: BARTH, Karl. *Anfänge der dialektischen Theologie*. Kaiser, 1962. p. 197ss; sobre as altas exigências a toda e qualquer “teologia da cultura” associadas a esse exame ver HYUN OH, Sung. *Karl Barth Und Friedrich Schleiermacher 1909-1930*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2005. especialmente p. 220ss e 285ss.

⁵¹ Sobre o problema dos espíritos da mentira e dos profetas da mentira ver WELKER, Michael. *Gottes Geist. Theologie des Heiligen Geistes*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1992. p. 87ss. (Ed. bras.: *O Espírito de Deus – Teologia do Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2010.)

⁵² Um testemunho comovente é dado por GARROW, David J. *Bearing the Cross: Martin Luther King, Jr. and the Southern Christian Leadership Conference*. New York: Viking Penguin, 1986. p. 58 *apud* LONG, Thomas G. *Hebrews. Interpretation*. Louisville: John Knox, 1997. p. 9: em meio à greve dos ônibus de Montgomery, as experiências de perseguição e ódio, ameaças e sofrimento feitas por Martin Luther King chegaram ao seu ponto mais baixo. Ele e sua família haviam recebido mais de quarenta telefonemas com ameaças à integridade física e à vida. “Tarde da noite, King voltou para casa de uma reunião e recebeu outro telefonema advertindo-o a deixar a cidade logo se quisesse permanecer vivo. Não conseguindo dormir depois dessa ameaça perturbadora, ele ficou sentado à mesa da cozinha preocupado. No auge da sua ansiedade, algo lhe disse que não tinha mais ninguém a quem pedir ajuda a não ser a Deus. Assim sendo, ele orou, confessando sua fraqueza e sua falta de coragem. Mais tarde, ele disse: ‘Naquele momento, pude ouvir uma voz interna dizendo para mim: Martin Luther, luta pelo direito. Luta pela justiça. Luta pela verdade. E eu estarei contigo, até mesmo se o mundo acabar’. King percebeu que era a voz de Jesus

A palavra profética tampouco pode ser separada do serviço diaconal do ministério régio. No seguimento de Cristo, a profecia serve de modo coerente ao amor e à proteção dos fracos. Ela não promove a disseminação do ódio nem da violência. No seguimento de Jesus Cristo, a profecia faz com que “os seus” permaneçam no seu caminho de modo coerente. “O ministério comum dos profetas foi [...] o de manter a expectativa da igreja e simultaneamente fortalecê-la até o advento do mediador; e assim, na época da dispersão, os crentes queixaram-se de ter sido privados desse benefício ordenado por Deus.”⁵³ Portanto, a verdadeira profecia coincide, por um lado, com o serviço concreto da diaconia e do amor (o ministério régio), e, por outro lado, procura acompanhar a linha cultural principal do conhecimento do Deus verdadeiro e justo, seguindo seus caminhos (o ministério sacerdotal). No seguimento de Jesus Cristo, a profecia tem, nessa união dos ministérios, o fôlego comprido da esperança escatológica: não seja feita a minha vontade, mas a vontade de Deus!

De modo correspondente, os dois outros ministérios e feições do reino de Deus revelam mais ou menos claramente uma irradiação profética. A participação na presença régia de Jesus Cristo talvez quisesse contentar-se às vezes com uma vida modesta e pacata no amor ao próximo praticado e experimentado. Contudo, o engajamento ativo a favor de fracos, pobres, oprimidos e desfavorecidos adquire uma irradiação profética também quando não está associada expressamente a uma crítica pública das condições que causam a pobreza e o desfavorecimento. Dependendo das circunstâncias, o serviço diaconal tranquilo dentro e fora das igrejas pode, por seu exemplo perseverante, calar mais fundo e representar uma provocação mais forte do que muitos posicionamentos político-morais ruidosos. No entanto, ele se diferencia da ação profética. Ele aposta na mitigação concreta da necessidade e em desenvolvimentos emergentes da “obra do reino de Deus”.

O testemunho profético, em contrapartida, exterioriza abertamente a crítica e a autocrítica.⁵⁴ Isso gera tensões e conflitos em comunidades, igrejas e sociedades. Essas tensões e esses conflitos se tornam especialmente intensos quando a ação sacer-

falando uma palavra de promessa, uma palavra de reconfirmação, uma palavra oportuna de conforto e fortalecimento”.

⁵³ CALVINO. *Institutio*. 307 (II,15,1).

⁵⁴ Ver sobre isso RAUSCHENBUSCH, Walter. *A Theology for the Social Gospel*. Library of Theological Ethics. Louisville: Westminster John Knox, 2010 (1. ed. 1917). especialmente p. 118ss, 131ss; NIEBUHR, Reinhold. *The Nature and Destiny of Man*. Gifford Lectures. New York: Charles Scribner's, 1964. v. II: Human Destiny, especialmente p. 23-34 e 244ss. Além disso, ANDJELIC, Milenko. *Christlicher Glaube als prophetische Religion*. Walter Rauschenbusch und Reinhold Niebuhr. Frankfurt: Peter Lang, 1998. p. 55ss, 136ss e 183ss. ((Internationale Theologie 3); METZ, Johann Baptist. *Jenseits bürgerlicher Religion*. Reden über die Zukunft des Christentums. 2. ed. München: Kaiser; Mainz: Matthias-Grünewald, 1980. (Forum Politische Theologie 1). especialmente p. 70ss. BEDFORD-STROHM, 1993, especialmente p. 150ss; MOLTMANN, Jürgen. *Politische Theologie in ökumenischen Kontexten*. In: METZ, Johann Baptist; MOLTMANN, Jürgen; SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Politische Theologie*. Neuere Geschichte und Potenziale. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2011. (Theologische Anstöße, v. 1). p. 1ss; em conexão com desafios diaconais concretos: WETH, Rudolf. *Diakonie in der Wende vom Sozialstaat zum Sozialmarkt*. In: WETH, Rudolf (Ed.). *Totaler Markt und Menschenwürde*. Herausforderungen und Aufgaben christlicher Anthropologie heute. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1996. p. 111-118.

dotal e a ação profética são contrapostas uma à outra: queremos cultos edificantes – e não intrigas político-religiosas! Fé e doutrina da igreja – em vez de agitação socio-crítica! Sem questionar a bênção advinda de cultos divinos tranquilos, alegres e edificantes, as igrejas desta Terra, em sua maioria, quiseram e aprovaram expressamente desde o começo a estreita ligação entre o serviço sacerdotal e o serviço profético.⁵⁵ As duas feições do seguimento do reino de Deus são interligadas ordenadamente por meio da proclamação cultural viva e contemporânea na pregação e na educação, assim por meio da formação científica crítica de seus ministros e suas ministras. Ao mesmo tempo, as igrejas cuidam para que a profecia não se torne autônoma na forma de uma crítica moral das condições sociais, políticas e econômicas, desvinculada da teologia e da palavra de Deus. Nesse tocante, porém, as rotinas religiosas que apenas reforçam sensações de bem-estar ou então inclusive produzem sensações de bem-estar insinceras e dissimuladoras geralmente não causam tanta preocupação quanto o medo de desencadear, no âmbito religioso, “uma guerra moral de todos contra todos”.

O *ministério profético*, a feição profética do reino de Deus ganha contornos claros especialmente em vista da cruz de Cristo. Quem quiser compreender isso não pode reduzir a mensagem da cruz ao aspecto da revelação do Deus sofredor e compassivo, ao conflito de Deus com a morte e a concepções norteadoras similares. A proximidade de Deus na pobreza, fraqueza e impotência do Crucificado e os sofrimentos de Deus com o pecado do mundo não podem obscurecer o conflito de Deus com os poderes e as autoridades deste mundo na cruz e na ressurreição. Para que seja possível identificar esse conflito, é preciso apreender a trama dos conflitos reais de Jesus na história da sua crucificação. Jesus Cristo, que trouxe para os seres humanos a mensagem do reino vindouro de Deus, que lhes transmitiu os poderes da cura, os poderes para dedicar-se às crianças, aos fracos, aos excluídos, aos enfermos, aos necessitados, esse Jesus Cristo é condenado pela religião, pelo direito, pela política, pela moral e opinião públicas, e isso ocorre por unanimidade complexa!

Quem age na cruz contra Jesus de Nazaré e contra a presença de Deus em Jesus Cristo não são alguns indivíduos maldosos, mas as “forças da ordem”, que gostam de se apresentar como “bons poderes” que nos “protegem maravilhosamente”. A cruz revela o mundo “sob o poder do pecado”, revela a “noite do abandono por Deus”, não só para o próprio Jesus – mas também como uma ameaça constante para este mundo. Ela revela que todos os mecanismos públicos e efetivos de proteção – como o direito, a política, a religião, a moral e a opinião pública – podem vir a falhar e até se transformar em armadilhas para nós, seres humanos, e para nossas sociedades.

Diante desse pano de fundo, os grandes desafios e a elevada importância do ministério profético adquirem contornos extremamente nítidos. Mais exatamente: a elevada importância da proclamação cristã, da doutrina teológica, dos encargos irrenunciáveis das comunidades que buscam a verdade e a justiça ao lado e além do engajamento diaconal concreto – tudo isso fica claro na dimensão do ministério profético.

⁵⁵ Quem enfatiza a dimensão proclamadora e doxológica é GILLESPIE, Thomas W. *The First Theologians. A Study in Early Christian Prophecy*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

Os três ministérios se interpenetram, interligando-se *pericoreticamente*.⁵⁶ Por essa razão, é mais adequado falar do “tríplice ministério” que falar de “três ministérios”. Em virtude da irradiação pneumática igualmente indissociável do triplo ministério, a doutrina do “tríplice ministério” deveria ser estreitamente associada com a doutrina da “*tripla feição do reino de Cristo*” ou então da “*tripla feição do reino de Deus*”.⁵⁷

O Cristo ressuscitado quer revelar o Deus triúno e, desse modo, revelar a si próprio como a palavra divina, como o Logos eterno, e revelar também o Espírito Santo e o Criador e Recriador amoroso. Ao fazer essa revelação, ele não quer estar “sem os seus”. Nesse contexto, como veremos, “os seus” não devem ser reduzidos às igrejas constituídas. Como fica especialmente visível nas feições profética e régia do reino de Deus, o reino de Cristo se estende além da esfera de atuação das igrejas e é mais abrangente que esta.

Atribuir peso demasiado a apenas um dos ministérios sempre acarreta perigos. Acentuar com muita força o ministério régio ou então a feição correspondente do reino de Deus nas teologias e nas igrejas pode levar ao desenvolvimento de perfis diaconais robustos de seguimento, mas, ao fazer isso, pode colaborar também para a autoss secularização humanista da piedade e das igrejas. Pôr em forte relevo o ministério profético e a feição profética do reino de Deus pode desencadear teologias analítico-acadêmicas perspicazes e formas de piedade politicamente militantes, mas pode provocar também extenuação moral e fadiga espiritual. Privilegiar demais o ministério sacerdotal e a feição correspondente do reino pode contribuir para o desenvolvimento de perfis espirituais e eclesiais pronunciados, mas também pode colaborar com o autoisolamento eclesiocêntrico e a petrificação litúrgica.

No entanto, se for respeitada a ligação pericorética das três feições, a doutrina do triplo ministério de Cristo ou da tripla feição do reino de Deus pode oferecer um importante auxílio teológico para coibir essas avaliações equivocadas muito difundidas. Ela pode contribuir para uma orientação cristológica e pneumatológica abrangente. A orientação cristológica e pneumatológica possibilita a apreensão do agir criador e recriador de Deus no poder do Espírito tendo em vista o Cristo ressuscitado e exaltado. Em Jesus Cristo, o advento do reino divino torna-se manifesto para nós.

Referências bibliográficas

- ALFEYEV, Hilarion. *Christ the Conqueror of Hell*. The Descent into Hades from an Orthodox Perspective. St Vladimirs Seminary Pr, 2009.
- ANDJELIC, Milenko. *Christlicher Glaube als prophetische Religion*. Walter Rauschenbusch und Reinhold Niebuhr Frankfurt: Peter Lang, 1998. (Internationale Theologie 3).

⁵⁶ Ver STANILOAE, 1990, p. 90ss; sobre o conceito da pericorese, cf. JÜNGEL, Eberhard. Art.: Perichorese. *RGG* 4. v. VI, p. 1109-1111.

⁵⁷ TILLICH, Paul. *Systematische Theologie*. 4. ed. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1987. v. III, p. 25ss, propôs substituir, na descrição de processos vitais, as costumeiras metáforas das “camadas” ou dos “níveis” pela metáfora das “dimensões”. Dimensões permitem avaliações sem exigir logo a fixação de uma determinada hierarquia. [Ed. bras.: *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal; EST.].

- AQUINO, Tomás de. *Summa theologiae*.
- BARTH, Karl. *Anfänge der dialektischen Theologie*. Kaiser, 1962.
- _____. Das Wort Gottes als Aufgabe der Theologie. In: BARTH, Karl. *Anfänge der dialektischen Theologie*. Kaiser, 1962.
- _____. *Die Kirchliche Dogmatik*. Zürich: EVZ-Verlag. 1932-1967. 13 v.
- BEDFORD-STROHM, Heinrich. *Vorrang für die Armen: auf dem Weg zu einer theologischen Theorie der Gerechtigkeit*. Gütersloh: Chr. Kaiser; Gütersloher, 1993. (Öffentliche Theologie, v. 4).
- BIERITZ, Karl-Heinrich. *Grundwissen Theologie: Jesus Christus*. Gütersloh: Kaiser, 1997. (KT 148).
- BRANDT, Sigrid. *Opfer als Gedächtnis: auf dem Weg zu einer befreienden theologischen Rede von Opfer*. Münster et al.: Lit, 2001. (Altes Testament und Moderne, v. 2).
- BUNGE, Marcia J. Children, the Image of God, and Christology: Theological Anthropology in Solidarity with Children. In: SCHUELE, Andreas; THOMAS, Günter. *Who is Jesus Christ for Us Today? Pathways to Contemporary Christology*. Westminster John Knox Press, 2009.
- ECKSTEIN, Hans-Joachim; WELKER, Michael (Hgs.). *Die Wirklichkeit der Auferstehung*. 4. ed. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 2010.
- FIORINZA, Francis S. *The Resurrection of Jesus and Roman Catholic Fundamental Theology*. Oxford University Press, 1998.
- GARROW, David J. *Bearing the Cross: Martin Luther King, Jr. and the Southern Christian Leadership Conference*. New York: Viking Penguin, 1986.
- GERHARD, Johann. *Loci theologici*. 1610-1622.
- GILLESPIE, Thomas W. *The First Theologians. A Study in Early Christian Prophecy*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.
- GRÄB-SCHMIDT, Elisabeth. *Marburger Jahrbuch Theologie XXIII: Christologie*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2011. (Marburger Theologische Studien).
- GRAPPE, Christian. *Le Royaume de Dieu. Avant, avec et après Jésus*. Genève: Labor et Fides, 2001.
- GRÄSSER, Erich. *An die Hebräer* (Hebr 1-6). EKK XVII/1 e (Hebr 7,1-10,18), EKK XVII/2. Zürich; Braunschweig: Benziger; Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1990 e 1993.
- GUSTAFSON, James M. *Christ and the Moral Life*. New York: Harper & Row, 1968.
- HÄRLE, Wilfried. *Dogmatik*. 3. ed. rev. Berlin; New York: de Gruyter, 2007.
- _____. *Ethik*. Berlin; New York: de Gruyter, 2011.
- HOFFMEYER, John F. Christology and Diakonia. In: SCHUELE, Andreas; THOMAS, Günter. *Who is Jesus Christ for Us Today? Pathways to Contemporary Christology*. Westminster John Knox Press, 2009.
- HUBER, Wolfgang. *Gerechtigkeit und Recht*. Grundlinien christlicher Rechtsethik. Gütersloh: Christian Kaiser; Gütersloher, 1996.
- HYUN OH, Sung. *Karl Barth Und Friedrich Schleiermacher 1909-1930*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2005.
- JÜNGEL, Eberhard. Art.: Perichorese. *RGG* 4. v. VI, p. 1109-1111.
- KÄHLER, Martin. *Die Wissenschaft der christlichen Lehre von dem evangelischen Grundartikel aus im Abrisse dargestellt*. 2. ed. Leipzig: A. Deichert'sche Verlagsbuchhandlung, 1893.
- LOHFINK, Norbert. Charisma. Von der Last der Propheten. In: LOHFINK, Norbert. *Unsere großen Wörter*. Das Alte Testament zu Themen dieser Jahre. 2. ed. Freiburg; Basel; Wien: Herder, 1979.
- LONG, Thomas G. *Hebrews, Interpretation*. Louisville: John Knox, 1997.

- LUTERO, Martinho. Catecismo Maior do Dr. Martinho Lutero. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. v. 7.
- MACQUARRIE, John. *Jesus Christ in Modern Thought*. London: SCM Press, 1990.
- MENDIETA, Eduardo; ANTWERPEN, Jonathan van (Eds.). *The Power of Religion in the Public Sphere*. New York: Columbia Univ. Press, 2011.
- METZ, Johann Baptist. *Jenseits bürgerlicher Religion*. Reden über die Zukunft des Christentums. 2. ed. München: Kayser; Mainz: Matthias-Grünwald, 1980. (Forum Politische Theologie 1).
- MIGLIORE, Daniel. *Faith seeking understanding: an introduction to Christian theology*. Grand Rapids: Eerdmans, 1991.
- MOLTMANN, Jürgen. *Politische Theologie in ökumenischen Kontexten*. In: METZ, Johann Baptist; MOLTMANN, Jürgen; SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Politische Theologie*. Neuere Geschichte und Potenziale. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2011. (Theologische Anstöße, v. 1).
- NIEBUHR, H. Richard. *Christ and Culture*. New York: Harper & Row, 1951.
- NIEBUHR, Reinhold. *The Nature and Destiny of Man*. Gifford Lectures. New York: Charles Scribner's, 1964. v. II: Human Destiny.
- _____. *The Self and the Dramas of History*. New York: Scribner's, 1955.
- RAUSCHENBUSCH, Walter. *A Theology for the Social Gospel*. Library of Theological Ethics. Louisville: Westminster John Knox, 2010 (1. ed. 1917).
- SCHEEBEN, Matthias Joseph. *Handbuch der katholischen Dogmatik*. Freiburg: 1954. v. 5.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Der christliche Glaube nach den Grundsätzen der evangelischen Kirche im Zusammenhange dargestellt*. Ed. Martin Redeker. 7. ed. Berlin: de Gruyter, 1960. v. 2.
- SCHLINK, Edmund. *Ökumenische Dogmatik*. Grundzüge. Göttingen: Vandenhoeck, 1983.
- SCHUELE, Andreas; THOMAS, Günter (Ed.). *The Child in the Christian Thought*. Grand Rapids: Cambridge/U.K.: Eerdmans, 2001.
- _____. (Eds.). *The Child in the Bible*. Grand Rapids; Cambridge/U.K.: Eerdmans, 2008.
- _____. *Who is Jesus Christ for Us Today? Pathways to Contemporary Christology*. Westminster John Knox Press, 2009.
- SCHWEIKER, William; KLEMM, David E. *Religion and the Human Future: An Essay on Theological Humanism*. Oxford: Blackwell, 2008
- SCHWÖBEL, Christoph. "Wer sagt denn ihr, dass ich sei?" (Mt 16,15). Eine systematisch-theologische Skizze zur Lehre von der Person Christi. In: GRÄB-SCHMIDT, Elisabeth: *Marburger Jahrbuch Theologie XXIII: Christologie*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2011. (Marburger Theologische Studien).
- STANILOAE, Dumitru. *Ökumenische Theologie*. Zürich: Benziger; Gütersloh: Gütersloher, 1990. (Orthodoxe Dogmatik II).
- STECK, Odil Hannes. *Israel und das gewaltsame Geschick der Propheten*. Untersuchungen zur Überlieferung des deuteronomistischen Geschichtsbildes im Alten Testament, Spätjudentum und Urchristentum. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1967. (WMANT 23).
- STROHM, Theodor. *Diakonie und Sozialethik*. Beiträge zur sozialen Verantwortung der Kirche. Ed. por Gerhard K. Schäfer e Klaus Müller. Veröffentlichungen des Diakoniewissenschaftlichen Instituts 6. Heidelberg: Heidelberger Verlagsanstalt, 1993.
- THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette B. *Der historische Jesus: Ein Lehrbuch*. 3. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2001.
- TILLICH, Paul. *Systematische Theologie*. 4. ed. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1987. v. III.
- TREMPELA, P. *Dogmatik der orthodoxen katholischen Kirche*. 1959. v. II: Atenas: Adelphotes Theologon "Zoe". (em grego).

- VOLLENWEIDER, Samuel. Christozentrisch oder theozentrisch? Christologie im Neuen Testament. In: GRÄB-SCHMIDT, Elisabeth: *Marburger Jahrbuch Theologie XXIII: Christologie*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2011. (Marburger Theologische Studien).
- WAINWRIGHT, Geoffrey. *For Our Salvation: Two Approaches to the Work of Christ*. Grand Rapids: Eerdmans, 1997.
- WELKER, Michael. *Gottes Geist*. Theologie des Heiligen Geistes. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1992.
- _____. Romantic Love, Covenantal Love, Kenotic Love. In: POLKINGHORNE, John (Ed.). *The Work of Love: Creation as Kenosis*. Grand Rapids; London: Eerdmans, 2001.
- _____. Routinisiertes Erbarmen und paradigmatische Öffentlichkeit. "Generalisierung von Altruismus" in alttestamentlichen Gesetzesüberlieferungen. In: MAY, Hans (Ed.). *Altruismus*. Aus der Sicht von Evolutionsbiologie, Philosophie und Theologie. Loccumer Protokolle 30/92. Loccum, 1996.
- WENZ, Gunther. *Christus*. Göttingen: Vandenhoeck, 2011. (Studium Systematische Theologie 5).
- WETH, Rudolf (Ed.). *Totaler Markt und Menschenwürde*. Herausforderungen und Aufgaben christlicher Anthropologie heute. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1996.
- _____. Diakonie in der Wende vom Sozialstaat zum Sozialmarkt. In: WETH, Rudolf (Ed.). *Totaler Markt und Menschenwürde*. Herausforderungen und Aufgaben christlicher Anthropologie heute. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1996.
- WICHERN, Johann Hinrich. *Schriften zur Sozialpädagogik*. Sämtliche Werke. Ed. Peter Meinhold. Berlin: Rauhes Haus und Johannesstift, 1958. v. IV.
- XIAOFENG, Liu. Sino-Christian Theology in the Modern Context. In: YANG, Huilin; YEUNG, Daniel H. N. (Eds.). *Sino-Christian Studies in China*. Newcastle: Cambridge Scholars Press, 2006.
- YANG, Huilin; YEUNG, Daniel H. N. (Eds.). *Sino-Christian Studies in China*. Newcastle: Cambridge Scholars Press, 2006